

Quem Matou Odete Roitman? O Legado de Olmsted para o Paisagismo e o Urbanismo

Eugenio Mariano Fonsêca de MEDEIROS

Contato: Eugenio_arq@yahoo.com.br

Linha de pesquisa: Morfologia, usos e percepção do ambiente.

1 INTRODUÇÃO

Embora o título inicial pareça desmerecer o que segue, ele apenas suscita o mistério que envolve o “quem”, tanto no caso Odete Roitman quanto no enigmático caso de Olmsted. A mística criada em torno do crime maior da televisão brasileira, que manteve a audiência bastante desperta e fazendo apostas em torno do *Who’s Who* do *show business* nacional, aqui é usada como referência, para trazer à público uma das personagens mais importantes e carismáticas do paisagismo mundial e, como o assassino de Odete Roitman, desconhecido ao Brasil.

Mas, Frederick Law Olmsted, Olmsted ou simplesmente FLO, mais que um item do *show business* internacional, é a personagem central da Tese de Doutorado (em desenvolvimento) que explora a Teoria do Ambiente Restaurador (criada pelo próprio Olmsted) em sua

origem, buscando discutir se ela é tão viável hoje quanto parecia ser no momento em que foi criada. Para tanto, o cenário analisado é o Central Park de Nova Iorque, para o qual foi criada a teoria.

2 OBJETIVOS

Mostrar resumidamente o conjunto de obras de Olmsted e seu significado para o ensino e estudo do Paisagismo e do Urbanismo.

3 AS LIÇÕES DE OLMSTED

Com um currículo e vida invejáveis em termos de variedade e refinamento, podemos dizer que Frederick Law Olmsted (Figura 1) foi um dos humanistas mais importantes do século XIX, não apenas para a

intelectualidade americana, mas para o mundo. A variedade de assuntos estudados e vivenciados, a diversidade de ofícios em que mergulhou e a espantosa quantidade de projetos dos mais variados calibres que ele idealizou o colocam como uma figura de proa no universo do Paisagismo, ou Arquitetura da Paisagem (*Landscape Architecture*) conforme cunhou a nascente profissão e do qual é basicamente o fundador.



Figura 1 – Frederick Law Olmsted.

Fonte: <http://www.olmsted.org/about-the-papers-project/about-the-frederick-law-olmsted-papers-project>

Um dos traços mais intrigantes de FLO, e que o marcaria como tal, era uma determinação quase obsessiva pelo que quer que fizesse, fosse de cunho intencional, ocasional ou pessoal. Com uma vida pessoal sempre acompanhada por tragédias pessoais, FLO redirecionou as dores pessoais para o trabalho tornando essa transposição em obsessão pelo trabalho. Fosse qual fosse o trabalho, já que foram muitas as carreiras, sempre se ateu a um “detalhismo” exacerbado e um perfeccionismo exagerado que marcariam sua obra e o acompanhariam a vida inteira.

Apesar dos esforços do pai em que se educasse nas instituições à disposição (Yale, por exemplo), Olmsted não nutria nenhuma simpatia pela educação formal tendo aprendido tudo o que sabia pela leitura e práxis. Ele mesmo reconheceu a forte influência à arte do paisagismo através do *Remarks on Forest Scenery* (Notas sobre o Cenário Florestal) de William Gilpin e *Essay on the Picturesque* (Ensaio sobre o Pitoresco) de Uvedale Price (1747-1829) teórico e cabeça do movimento ‘Pitoresco’ que desembocaria no Movimento da Paisagem Urbana de 1949. Já maduro FLO declararia o livro de Uvedale como ‘um dos mais importantes da História do Paisagismo’ (RYBCZYNSKI, 1999). Duas outras obras que teriam forte influência em Olmsted seriam o *Sartor Resartus* de Thomas Carlyle e o *Solitude* de Johann Georg Zimmermann os quais adotaria para o

resto da vida e que foi muito influente em suas teorias e vida pessoal. O livro argumentava que era necessário refugiar-se periodicamente na natureza para fins de reabastecimento espiritual. **Lição nº 1: ter uma bibliografia pessoal e permanente é muito bom, desde que não tenha muitos tons de cinza.**

Olmsted, ao invés, preferiu ir direto ao que interessava e direcionou seu interesse completamente à natureza e suas coisas, portanto, nada mais sensato do que trabalhar com a terra. Aprendeu o que pode de agricultura com George Geddes (inventor do rastelo e do portão com gonzo) e aplicou esse *know-how* numa fazenda que comprou em Long Island, onde aprendeu no muque (literalmente), gerenciamento agrônomo.

Desistindo da fazenda mudou-se para a Staten Island, onde trabalhou e organizou a criação de mudas para transplante e venda, criando o que hoje conhecemos como 'viveiro de mudas comercial'. É lá que Olmsted deu os primeiros passos no paisagismo, embora o conceito de paisagismo ou 'arquitetura da paisagem' (*landscape architecture*) não existisse na época, quer como vocação quer como prática profissional. Na época parte dos trabalhos e obras eram realizados por arquitetos e jardineiros. E lá, também fez amizades duradouras com os vizinhos, dentre os quais William Cullen Bryant (editor do *New York Post*), George Putnam (proprietário da editora *Putnam*) e o poderoso patriarca

dos Vanderbilt, William. **Lição nº 2: pegar no pesado, muitas vezes é produtivo.**

Numa viagem com o irmão para a Europa Olmsted se deparou com o *Birkenhead Park* de Joseph Paxton em Liverpool, construído com fundos públicos. Olmsted foi tomado por uma Epifania: o parque era público e nele havia mistura de todas as classes sociais no mesmo lugar. Apesar do *déjà vu*, ele foi arrebatado para sempre pela paisagem inglesa, com suas brumas líquidas e o verdor (o extremo e incrível verdor!). **Lição nº 3: viajar sem rumo pode tornar-se revelador.**

De volta aos Estados Unidos, largou a fazenda e tornou-se jornalista da *Putnam's*. E de peso! Ao escrever sobre a escravidão no Sul, tornou-se um dos porta-vozes da causa escravista chegando a influenciar Marx, no *Capital* e Mills, na teoria econômica (MARTIN, 2011). Na verdade, Olmsted é uma personagem excêntrica à paisagem intelectual americana: apesar de descendente dos Pais Fundadores e habitante da Babilônia capitalista, foi um socialista de alma e gênero. Um energético que impregnou tudo o que faz com um brilhantismo admirável. Além da retórica singular, foi possuidor de uma verborragia pragmática, perfeita para as descrições minudentes que utilizou tanto para falar da pobreza escravista quanto para os caudalosos memoriais descritivos.

Contratado para gerenciar uma mina na Califórnia deparou-se com um ameaçado *Yosemite* (Figura 2), que transformou em causa nacional, atraindo a atenção de John Muir, criador do Conservacionismo e do primeiro Parque Nacional. Posteriormente, Olmsted retornaria ao tema através de uma acirrada campanha que fez, culminando na criação do Parque Nacional do Niágara.



Figura 2 – Parque Nacional do Yosemite.

Fonte: <http://tourists360.com/yosemite-national-park/>

Associando-se a Calvert Vaux criou e implantou o projeto do Central Park de Nova Iorque. Mas, quem era Calvert Vaux? Foi, antes de tudo, sócio de Andrew Jackson Downing (o arquiteto, *par excellence*, dos Estados Unidos no século XIX) até a morte deste às vésperas da criação do Central Park (Figura 3). Vaux,

além de autor dos jardins da Casa Branca e do *Smithsonian Institute*, cria em 1856 o *American Institute of Architects* - AIA (BEVERIDGE, ROCHELEAU, 1995), o equivalente ao nosso Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB).



Figura 3 – Panorâmica do Central Park.

Fonte: <http://www.travigators.com/blog/travel/the-captivating-central-park-new-york.htm>

Olmsted, por sua vez, foi quem criou e evidenciou a profissão do Arquiteto Paisagista como distinta da Arquitetura, e a regulamentou como cofundador da Sociedade Americana de Arquitetos Paisagistas (*American Society of Landscape Architects*) em 1898 (GARCÍA-POSADA, 2007). Ainda durante o processo que culminou numa das obras-primas do paisagismo

universal, Olmsted formulou a teoria geral do paisagismo (em voga até hoje) e criou a revolucionária “teoria do ambiente restaurador” onde postulou a necessidade do verde nas cidades como elemento curativo do estresse urbano (TWOMBLY, 2010). De certa forma, a Teoria tinha vinculação com o Transcendentalismo Romântico da Escola do Rio Hudson (Figura 4), com a qual Olmsted tinha ligações.



Figura 4 – Exemplo de trabalho vinculado à Escola do Rio Hudson (Pintura: “Ocaso”, de F. E Church).

Fonte: http://www.arthistory.about.com/od/from_exhibitions/ig/America---Painting-History/aphnw_04.htm

Já famoso Olmsted criticou o modelo da cidade com malha em grade e propôs o respeito às curva de nível, modelo que seria adotado no urbanismo,

particularmente no planejamento dos novos bairros residenciais e grandes condomínios horizontais. Lança dois movimentos fundamentais para a cidade contemporânea: o Movimento dos Parques e o *City Beautiful* (posteriormente transformado na Cidade Radiosa de Corbusier).

- O *City Beautiful* é lançado por Olmsted (como Cidade-Jardim) no projeto *Riverside* de Chicago (inconcluso pelo Grande Incêndio de 1871);
- O Movimento dos Parques culmina na criação do Sistema de Parques de Boston, o *Emerald Necklace* (Figura 5), uma série de parques interconectados por vias verdes.



Figura 5 – Configuração do *Emerald Necklace*. Boston.
Fonte: <http://www.loe.org/shows/segments.html?programID=11-P13-00042&segmentID=8>

Ele também está envolvido na criação do ambientalismo quando propôs a criação do *Back Bay Fens* de Boston, o primeiro esforço na recuperação dos pântanos costeiros. O que lamentavelmente Olmsted não esperava era que seu modelo socialista se tornasse segregador, assim como não previu que os princípios de sua *City Beautiful* desse origem ao *sprawling* suburbano tão contrário a sua integração ambiental. **Lição nº 4: tudo o que você disser poderá e deverá ser usado contra você.**

O *ouroboros* de Olmsted é os Jardins de Biltmore (Figura 6) onde sua obra atingiu a maturidade e a plenitude. Construído para entornar o castelo da família Vanderbilt o projeto transpõe a área nobre e alcança o bosque criado para manter a propriedade, no primeiro projeto autossustentável da Era Pré-Moderna. Já no fim da vida, aplica com sucesso sua Teoria do Ambiente Restaurador em dois sanatórios para doentes mentais um dos quais (*McLean Sanatorium*) o hospeda até a morte em 1903 aos 81 anos de idade.

Restaram as obras-primas do paisagismo universal e um corpo ideológico e técnico ainda utilíssimo para hoje. Seus escritos, reunidos pela firma que fundou, ainda dão luz para quase tudo o que se refira à paisagem, à cidade e sua relação com a natureza. Afinal, Olmsted considerava que a paisagem, *per se*, educava. Para ele, uma civilização sem paisagem era pura barbárie.



Figura 6 – Vista de Biltmore.

Fonte: <http://www.biltmore.com/visit/photo-gallery>

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É praticamente impossível trabalhar a cidade e o paisagismo contemporâneos sem, de alguma maneira, utilizar diretamente ou fazer referência a elementos presentes no vastíssimo trabalho de Olmsted, quer para referendá-los e toma-los como exemplos, quer para criticá-los na busca de novas soluções para velhos problemas.

Dada a importância da rica biografia e da profícua obra de FLO, e, além disso, do *corpus* ideológico e filosófico que a suporta, ambos muito pouco estudado no Brasil, reiteramos a sugestão de considerar a importância de Olmsted no estudo do Paisagismo e Urbanismo em nossas linhas de ensino.

5 REFERÊNCIAS

BEVERIDGE, C.; ROCHELEAU, P. **Frederick Law Olmsted: Designing the American Landscape**. Nova Iorque: Rizzoli International Publications. 1995.

GARCIA-POSADA, A. M. **Cuadernos de Central Park. Tiempos, lecturas y escritos de un territorio urbano**. Tese de Doutorado. Departamento de Proyectos Arquitectónicos. Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Sevilla. Universidad de Sevilla. 2007.

MARTIN, J. **Genius of Place. The Life of Frederick Law Olmsted**. Boston: Da Capo Press. 2011.

RYBCZYNSKI, W. **A Clearing in the Distance**. Nova Iorque: Scribner. 2003.

TWOMBLY, R. **Frederick Law Olmsted – Essential Texts**. New York: W.W. Norton & Company. 2010.